

# LOLITA SEGUNDO H. H.

**Fernanda Cristina Araújo Batista\***

*Resumo:* Este trabalho visa a uma análise da personagem título da obra *Lolita*, de Vladimir Nabokov, tendo como base a semiótica greimasiana. Estudaremos as diferentes imagens de Lolita, construídas pelo narrador, H. H., segundo cada um dos papéis actanciais que ele assume na narrativa: sujeito de estado, sujeito do fazer, destinador-manipulador e destinador-julgador.

*Palavras-chave:* Semiótica greimasiana; Lolita; papel actancial.

## SOBRE LOLITAS

■ **M**ais importante do que o próprio enredo do clássico romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov, é a ambiguidade da personagem que dá nome à obra, cuja imagem é construída para o leitor pelo discurso de seu narrador de primeira pessoa, que, além de contar a história que viveu com ela, descreve-a e critica-a, positiva e negativamente, a fim de legitimar os atos que teve e de justificar os acontecimentos que se deram ao longo de sua convivência.

H. H. desempenha o papel de narrador e também projeta sua autoimagem dentro do texto de três maneiras diferentes – ora como sujeito, ora como destinador-manipulador e ora como destinador-julgador –, resultando diferente a imagem de Lolita, dependendo do modo como ele se projeta a cada momento.

Como sujeito, exerce a função de colocar o leitor em conjunção com toda a história cujas transformações ele próprio exerceu e cujas paixões sentiu no desenrolar dos fatos e que sente no momento da narração; como destinador-ma-

\* Mestranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

nipulador de si mesmo e do leitor, tenta convencer-se e a esse de sua verdade; e no papel de destinador-julgador de si próprio como sujeito, afirma sofrer moralmente com as consequências de seus atos. Separaremos, assim, esses papéis desempenhados por H. H. a fim de reconhecer qual a imagem que ele cria de Lolita em cada momento da narração de sua história e quais as implicações que isso traz para a leitura de seu texto como um todo, que é como esse deve ser entendido.

### LOLITA SEGUNDO O SUJEITO

O H. H. sujeito é aquele que se encanta com Lolita logo à sua primeira vista e que, após esse encantamento inicial, sofre por estar disjunto dela; oscila entre euforia e disforia quando consegue a conjunção com ela e, por fim, sofre com o estado disjunto final. A imagem construída da menina, então, é fruto desses deslumbramento e dor resultantes da paixão violenta que sente e da difidência que o comportamento dela vai lhe causando ao longo do texto.

Para entendermos o modo como H. H., como sujeito, criou a imagem da menina, o instante em que a vê pela primeira vez é fundamental, pois é consequência dele o modo como H. H. age durante a narrativa:

*a piazza, cantarolou minha guia, e então, sem qualquer aviso prévio, uma onda azul ergueu bem alto meu coração: ajoelhada sobre uma esteira, seminua em meio a uma poça de sol, virando-se para me olhar por cima de seus óculos escuros, lá estava o meu amor da Riviera* (NABOKOV, 2003, p. 41).

Essa passagem denota a sensibilização do sujeito H. H. e uma consequente quebra em seu discurso, características essas que Greimas e Fontanille (1993, p. 18) descrevem como pertencendo ao deslumbramento, em que há uma “espécie de transe do sujeito que o transporta a um alhures imprevisível, que o transforma [...] em um sujeito *outro*”.

A partir do primeiro contato com mãe e filha, H. H. se dá conta do relacionamento conturbado entre elas, e, enquanto está disjunto com Lô, porém querendo obter a conjunção, sai em defesa desta, atribuindo adjetivos depreciativos àquela e indignando-se ao saber que ela atribui à filha diversas características negativas: “agitada, desconfiada, impaciente, inquisitiva, irritadiça, negativista [...] e teimosa” (NABOKOV, 2003, p. 83), e não a enxerga como ele o faz: alegre, ativa, cooperativa, infantil, vivaz etc. H. H. acha graça no comportamento fútil e até mesmo anti-higiênico de Lolita.

Após a morte de Charlotte, entretanto, quando finalmente consegue entrar em conjunção com Lolita, os pequenos hábitos que outrora o agradavam passam a incomodá-lo, e ele passa a descrever, com mais frequência, seu comportamento de maneira parecida àquela que a mãe da menina usava: “arrastando os pés, com aquele ar de enfado que ela tão bem cultivava”, “um misto de ingenuidade e hipocrisia, de encanto e vulgaridade, de amuos sombrios e róseas gargalhadas”, “minha tão facilmente aborrecível Lolita” (NABOKOV, 2003, p. 149, 150, 163). Até a inteligência de Lolita é questionada por ele, pois ela se mostra uma criança extremamente comum com a convivência dos dois: “malgrado certa vivacidade impudente e algumas tiradas espirituosas, não era uma criança tão inteligente quanto seu QI faria supor” (NABOKOV, 2003, p. 153).

Passado algum tempo, o comportamento natural da menina aliado a suas recusas a H. H. o deixam irritado, pois ele passa a acreditar que existe algo errado, desconfiando da existência de um amante. Porque ela não se entrega totalmente como ele o faz, H. H., possessivo, acredita haver uma resistência de sua parte e exclui-se de sua vida real para imaginar o que ela faz quando não estão juntos. Assim, ela se transforma numa espécie de antissujeito, pois é resistente às suas investidas. Dessa forma, esses sentimentos caracterizam o ciúme, paixão intersubjetiva constituída de três atores: o sujeito ciumento, o seu objeto e um rival que disputa com ele esse objeto. Assim, vemos H. H. recear ser ultrapassado ou até mesmo partilhar Lolita com alguém.

A possessão também se constata quando H. H. fica à mercê de seu objeto (Lô), que possui o poder que manipula e, por isso, controla suas ações. Se no início H. H. era modalizado apenas pelo querer, depois, foi manipulado também pelo poder da garota. Ele, contudo, também é o sujeito da possessão, já que faz uso da menina quando bem entende, não raramente prometendo a ela dinheiro e presentes, que não lhe dá depois de obter o que deseja e chegando mesmo a ameaçá-la de agressão quando pensa que ela mentiu a respeito de onde esteve ao faltar a uma aula de piano. Ele dispõe de Lolita fazendo dela o que quer, e passa a ser um sujeito volitivo, ou seja, sujeito que desdobra todo o seu querer sobre o objeto uma vez que o obtém.

Com as histórias que Lolita conta, todavia, nas quais H. H. não acredita, este passa de um estado de confiança, com relação a ela, à difidência – suspensão dessa confiança – quando seu comportamento se torna suspeito, não chegando, porém, à desconfiança, pois não consegue obter provas de sua traição. Ele começa, porém, a fazer comentários agressivos com relação a ela por conta dessa difidência: “Falando figurativamente, ela se punha a abanar o rabo – na verdade, todo o traseiro, como fazem as cadelinhas – tão logo algum estranho sorridente se aproximava de nós e iniciava uma animada conversa” (NABOKOV, 2003, p. 167).

Chega, ainda, a descrever Lolita com certa repulsa quando não a vê mais como ninfeta, mas já como uma moça: “percebi de repente, com uma doentia sensação de náusea, quanto ela havia mudado desde que a tinha visto pela primeira vez dois anos antes” (NABOKOV, 2003, p. 207).

Por fim, após ser abandonado por ela, sai de um estado de difidência e entra num estado de desconfiança, admitindo que fora enganado e, com isso, tem rompido o contrato fiduciário que acreditava ter sido estabelecido entre os dois: “Ao consentir em que Lolita estudasse teatro, eu havia também permitido, na minha cândida tolice, que ela cultivasse a arte da perfídia”, “oh, vil e adorada vigaristinha” (NABOKOV, 2003, p. 233, 241).

## **LOLITA SEGUNDO O DESTINADOR-MANIPULADOR**

O H. H. destinador-manipulador é projetado quando o H. H. narrador quer convencer o leitor e a si próprio como destinador julgador de que, como sujeito, não cometeu crime algum ao manter relações sexuais com a enteada.

Já no início de sua narração, H. H. se coloca como um pedófilo que aprecia sentar-se em pracinhas onde brincam meninas entre nove e quatorze anos a fim de observá-las e obter prazer sexual dessa atividade. No entanto, deixa claro que não é qualquer criança nessa faixa etária que o atrai, mas apenas aque-

las a quem denomina “ninfetas”, por serem diferentes das meninas normais e apresentarem uma natureza não humana, mas “nínfica” ou “diabólica”. Ao expor essa ideia, H. H. atribui a Lolita, se não toda, ao menos parte da responsabilidade pelos acontecimentos, pois, ao enquadrá-la entre as “ninfetas”, presume que ela não seja uma criança pura e inocente que mereça ser preservada, e sim que, de certa forma, foi ela quem o seduziu. Além disso, ele acredita que ela seja a reencarnação de Annabel, seu amor de juventude, o que legitima o discurso da sedução vir por parte da menina.

Além disso, H. H. diz ser parecido com um cantor ou ator a quem Lolita admira, e conta que ela, quando certa vez ele se sentou para conversar com sua mãe, aboletou-se propositadamente entre os dois e se agitava muito enquanto estava ao lado dele. Essa citação faz que o leitor, caso aceite o contrato fiduciário proposto por H. H., imagine que não é ele o único que sofre de uma paixão por ela, mas que essa paixão é recíproca.

Lolita é uma garota precoce, segundo H. H. Num passeio que os dois fazem com Charlotte, ela lhe dá a mão sem que a mãe veja, demonstrando um carinho ambíguo por ele em outras passagens, por exemplo, quando está indo para o acampamento e lhe dá um beijo hollywoodiano de despedida, o que satisfaz H. H.; porém, o faz também comentar que é Hollywood um dos grandes culpados pela perdição de uma menina tão jovem, pois a vulgaridade exibida e copiada a levava a não se preservar, mas a agir dessa forma impudica.

Ademais, H. H. afirma que ela tem modos despudorados, permitindo que sua calcinha apareça quando, vestindo saia, senta-se para amarrar os sapatos, e que não é a “frágil criança dos romances femininos” (NABOKOV, 2003, p. 46), mas que tem a dupla natureza das ninfetas: sendo fruto da mistura de uma infantilidade sonhadora com estranha vulgaridade. Ele atribui à menina maneiras voluptuosas quando ela o pede, com um sussurro, para que convença a mãe a levá-los ao lago da cidade, e narra uma passagem em que Lolita entra em seu escritório e, enquanto olha uns rabiscos feitos por ele, parece apenas esperar que ele a surpreenda com um beijo na garganta ou nos lábios, achando até graça nisso. H. H. diz ter certeza de que ela queria ser surpreendida dessa maneira, mas conta que, logo em seguida, criança que é, ela sai do quarto em disparada para ouvir uma história que a empregada da família começa a contar sobre um bicho que estava morto no porão, o que demonstra que, embora pareça ter essa natureza “nínfica”, ela não deixa também de apresentar uma natureza infantilmente curiosa.

Quando eles têm a primeira relação sexual, após a morte de Charlotte e a saída de Lô do acampamento, H. H. diz não ter percebido nenhum traço de pudor naquela “bela e ainda imatura mocinha, a quem os métodos modernos de educação mista, os costumes da juventude americana, a indústria dos acampamentos de férias e tudo mais tinham depravado de forma completa e irremediável” (NABOKOV, 2003, p. 135), novamente atribuindo a fatores externos a ele a culpa pela relação incestuosa dos dois, uma vez que ele não estuprou a menina nem a forçou a nada, mas foi por ela conduzido a manter a relação em razão de ela mesma ser uma garota depravada já aos doze anos de idade.

### **LOLITA SEGUNDO O DESTINADOR-JULGADOR**

H. H. destinador-julgador é o que surge no momento da narração e que tem consciência de que os atos que cometeu foram injustos com Lolita, indepen-

dentemente de ela ser ou não uma criança inocente. Nessa instância, ele julga que seu maior crime não foi ter mantido relações de cunho sexual com a menina, mas não ter levado em consideração suas vontades, aproveitando-se do fato de que ela ficara à sua mercê após a morte da mãe para privar-lhe não só de liberdade, como também de sua própria infância em prol da satisfação sexual do adulto. É o H. H. que não se permitiu convencer pelo H. H. destinador-manipulador da responsabilidade de Lolita.

Já na primeira linha do romance, onde aparece a primeira referência de H. H. à menina, “Lolita, luz de minha vida, labareda em minha carne. Minha alma, minha lama” (NABOKOV, 2003, p. 11), encontramos reunidos dois dos três papéis de H. H. – o de sujeito apaixonado e o de destinador-julgador de si mesmo como sujeito –, bem como dois papéis de Lolita. Na frase “Lolita, luz de minha vida, labareda em minha carne”, temos a indicação de que a menina é alguém que não é apenas importante para H. H., mas que dá sentido à sua vida, e temos, portanto, H. H. como narrador revelando a paixão de H. H. como sujeito e sua conjugação com Lolita tendo valor eufórico. Na frase seguinte, “Minha alma, minha lama”, aprendemos que a relação H. H.-Lolita não foi de todo positiva, mas que envolveu euforia e disforia, tendo, então, H. H. como destinador-julgador de H. H. sujeito, e a conjugação com Lolita tendo valor disfórico.

Apesar da primeira impressão que teve, e que sustentou por longo tempo, de que Lolita era a reencarnação de Annabel, quando narra o momento em que se encontravam prestes a ter a primeira relação sexual, H. H. assume o papel de destinador-julgador e diz:

*Eu deveria ter compreendido que Lolita já havia demonstrado ser bem diferente da inocente Annabel, e que o veneno nínfico que ressumava de cada poro da infeliz criança que eu preparara para meu secreto deleite tornaria o segredo impossível, e letal o deleite. Deveria ter entendido (pelos sinais que me fazia quem sabe a verdadeira criança Lolita, quem sabe algum esquálido anjo a suas costas) que do tão aguardado êxtase resultariam apenas sofrimento e horror (NABOKOV, 2003, p. 127).*

Essa passagem explicita que H. H. havia dominado a verdadeira Lolita e agido da forma que bem entendia, levando em consideração a menina que criara para si mesmo em sua mente, mas que agora ele se dá conta disso, demonstrando arrependimento pela modalização utilizada em “eu deveria ter compreendido...” e “deveria ter entendido...”. Ele é o destinador-julgador que pune o sujeito do fazer, pois é quem se condena pelos atos que realizou anteriormente, sentindo remorso.

Logo após o episódio do hotel, H. H. descreve o sentimento que teve, já sendo uma demonstração da atuação do H. H. destinador-julgador sobre o H. H. sujeito do fazer, que, por sua vez, ainda não se deixa abater pela moralidade:

*mas uma estranha apatia tomara o lugar de sua habitual desenvoltura [...] Era um sentimento bastante peculiar: um aperto pavoroso, opressivo, como se eu estivesse sentado ao lado do fantasmilha de alguém que acabara de matar [...] Ali estava uma órfã. Ali estava uma criança solitária, totalmente desamparada, que copulara vigorosamente com um adulto maduro e malcheiroso três vezes naquela manhã (NABOKOV, 2003, p. 141, 142).*

Certa vez, quando a diretora do colégio onde Lolita estudava afirma que a menina tem grande capacidade para o tênis, mas que não vence porque lhe falta a vontade de ganhar, o H. H. destinador-julgador confessa:

*Ela preferia o teatro à natação, e a natação ao tênis; insisto, porém, em que, se algo dentro dela não houvesse sido quebrado por mim – não que eu o soubesse então! –, Ló teria, além de seu estilo perfeito, a fome de vencer, transformando-se numa verdadeira campeã (NABOKOV, 2003, p. 235).*

Nesse instante, H. H. assume para si a culpa por ter tirado de Lolita sua vivacidade, deixando no lugar apenas uma apatia causada pela desesperança de mudar a vida sem sentido que levava. Relata que, quando ela se encontra no hospital e ele chega com presentes, dizendo-lhe que tão logo ela fique boa eles partirão em uma nova viagem, porque não faz sentido ficarem naquele lugar, obtém como resposta “Não faz o menor sentido ficar em lugar nenhum” (NABOKOV, 2003, p. 247), ideia que o faz compreender que não significava para ela um namorado, nem sequer um homem sedutor, ou amigo, e sim alguém que a oprimia sexualmente.

Lolita foge e H. H. inicia a escritura do livro para cessar a dor que sente por estar longe dela, e, especialmente, por saber tê-la destituído de sua infância e, de certa forma, de sua vida. Afirma que todo o tempo soube que a menina não era aquilo que demonstrava ser, mas que agia daquela forma vulgar e rude a fim de se resguardar dele:

*freqüentemente percebia que, vivendo como vivíamos, ela e eu, num mundo totalmente pecaminoso, ficávamos estranhamente constrangidos quando eu tentava conversar sobre algum assunto que ela e uma amiga mais velha, ela e um pai ou uma mãe, ela e um namorado de verdade, eu e Annabel, Lolita e um sublime Harold Haze (purificado, analisado e deificado), teriam discutido com toda a naturalidade – uma idéia abstrata, um quadro, o mosqueado Hopkins ou o tosquiado Baudelaire, Deus ou Shakespeare, qualquer coisa genuína. Nem pensar! Ela tratava logo de proteger sua vulnerabilidade com uma couraça de enfado e insolência vulgar; enquanto eu, desafiando meus comentários desesperadamente impessoais num tom de voz tão artificial que causava engulhos em mim mesmo, provocava em minha interlocutora tais explosões de grosseria que era impossível prosseguir com a conversa (NABOKOV, 2003, p. 287-288).*

Encerra seu discurso como destinador-julgador com a confissão maior do arrependimento que sente com relação às consequências do que fez a Lolita:

*Certo dia, pouco após o desaparecimento de Lolita, um acesso de abominável náusea forçou-me a parar à beira de uma velha estrada de montanha [...] O que eu ouvia era simplesmente a melodia das crianças brincando, nada senão isso, e o ar era tão límpido que, em meio àquele eflúvio de vozes entrelaçadas – majestosas e diminutas, remotas e magicamente próximas, inocentes e divinamente enigmáticas –, podia discernir-se vez por outra, como se enfim liberados, o vívido cascadear de um riso borbulhante, o estalido de uma bola contra o bastão de beisebol, o chocalhar de um caminhão de brinquedo [...] compreendi, então, que o que havia de desesperadoramente terrível não era a ausência de Lolita a meu lado, mas a ausência de sua voz naquele coral (NABOKOV, 2003, p. 310-311).*

## SOBRE LOLITAS E HUMBERTS

Separando os papéis do narrador H. H., pudemos perceber que ele, ao se projetar distintamente no texto, também projeta Lolita sob prismas diferentes. Na primeira instância, enquanto H. H. é sujeito disjuncto, a imagem que faz de Lolita é a de uma criança ativa, vivaz, esperta, engraçada, bonita e saudável, porém insubordinada a Charlotte (que, por sua vez, não é um exemplo de boa mãe). Na segunda instância, quando passa a ser um sujeito conjunto, a menina se torna rabugenta, instável e grosseira, características que não o incomodavam até então, embora Charlotte diversas vezes tivesse se queixado disso. Na terceira instância, ao assumir o papel de destinador-manipulador de si mesmo e do leitor, a imagem que constrói de Lolita é de uma jovem precoce, despudorada, impudica, vulgar, enfim, ninfeta, tendo-o seduzido por vontade própria, o que o isenta de qualquer responsabilidade. Na quarta e última instância, encarnando o papel de destinador-julgador dos próprios atos e analisando-os moral e humanamente, H. H. nos apresenta uma Lolita (embora nada inocente) indefesa, vulnerável, infeliz, destituída de vida própria e destruída por ele, que passa, então, a considerar-se inconsequente e até monstruoso por não tê-la tratado como ser humano independente enquanto conviviam, somente percebendo que ela era, assim como ele, um sujeito, quando, por fim, ela obtém sua fuga.

Temos, então, não uma verdade revelada pelo narrador, mas sim três: 1. a do sujeito que se encantou por uma menina de doze anos e que teve sua vida movida em torno de sua relação com ela; 2. a do destinador-manipulador que atribuiu a responsabilidade dessas relações ao fato de ela não ter tido uma estrutura familiar e educacional sólida e, por isso, ser fisicamente precoce; 3. a do destinador-julgador, que culpa o sujeito por ter mantido tais relações ignorando seus possíveis efeitos. Quando essas verdades se unem no romance, temos uma obra de beleza polêmica, em que não se define o que ou quem foi o grande desencadeador das transformações de estado, apenas apresentam-se hipóteses sobre o que ou quem pode ter sido o responsável e incumbe-se ao leitor a tarefa de pensar sobre todas elas e tentar organizá-las.

## REFERÊNCIAS

- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*: dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.
- NABOKOV, V. *Lolita*. Tradução Jorio Dauster. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2003. (Coleção Clássicos da Literatura).

BATISTA, F. C. A. Lolita according to H. H. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 10, n. 2, p. 113-119, 2008.

*Abstract: This paper aims at analyzing the main character of Vladimir Nabokov's novel Lolita based on the Greimasian semiotics. We will study the different images of Lolita, which are built by the narrator, H. H., according to each of the actantial roles he has in the narrative: subject of state, subject of doing, sender-manipulator and sender-judge.*

**Keywords:** Greimasian semiotics; Lolita; actantial role.